



Eme, J.B.¹
Baptista, M.L.C.²

Narrativas Artesãs em andanças compartilhadas pelo Sul: sinalizadores de Turismo-Trama-Ecossistêmica³

Resumo. O presente artigo tem como objetivo refletir sobre sinalizadores de Turismo-Trama-Ecossistêmica, a partir de narrativas artesãs compartilhadas com Teca, poeta do cotidiano, em trajetórias pelas ruas de Caxias do Sul/RS. A produção é orientada pelas perspectivas: Holística, Complexa e Ecossistêmica de Ciência, que estão presentes também no pressuposto epistemológico Artesania, aqui associado à produção de narrativas, e na compreensão de Turismo-Trama-Ecossistêmica. Os aspectos metodológicos são compostos pela Cartografia dos Saberes, estratégia metodológica orientada por cinco trilhas: Dimensão Subjetiva, Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica, Dimensão Intuitiva da Pesquisa e a Trama dos Fazeres. A experiência poética de Teca orienta-se pela produção de mensagens autorais com aproveitamento de recursos recicláveis que são espalhadas pelas ruas da cidade durante caminhadas. A partir da experiência foi possível refletir sobre sinalizadores de Turismo-Trama-Ecossistêmica, destacando-se que eles mostram a necessidade de considerar a trama-ecossistêmica nos processos turísticos, reconhecendo suas potencialidades para o desenvolvimento de uma prática orientada pela lógica de valorização do todo.

Palavras-chave: Turismo-Trama-Ecossistêmica; artesanaria; narrativas; epistemologias do Sul; experiência poética.

Artisanal Narratives in shared walks in the South: Tourism-Weave-Ecosystem flags

Abstract. This article aims to think about Tourism-Weave-Ecosystem flags, based on artisan narratives shared with Teca, a poet of everyday life, walking by the streets of Caxias do Sul/RS. The production is guided by the perspectives: Holistic, Complex and Ecosystem of Science, which are also present in the epistemological assumption of Craftsmanship, here associated with the production of narratives, and in the understanding of Tourism-Weave-Ecosystem. The methodological aspects are composed of the Cartography of Knowledge, a methodological strategy guided by five paths: Subjective Dimension, Theoretical-Conceptual-Bibliographical Web, Intuitive Dimension of Research and the Web of Doings. Teca's poetic experience is guided by the production of authorial messages using recyclable resources, the messages are spread throughout the city streets during walks. From the experience it was possible to reflect on Tourism-Ecosystem-Web signs, highlighting that they show the need to consider the ecosystem-web in tourism processes, recognizing its potential for the development of a practice guided by the logic of valuing the whole.

Keywords: Tourism-Weave-Ecosystem; craftsmanship; narratives; epistemologies of the South; poetic experience.

Narrativas Artesanales sobre caminatas compartidas por el Sur: signos del Turismo-Trama-Ecossistêmica

Resumen. Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre los signos del Turismo-Trama-Ecossistêmica, a partir de narrativas artesanales compartidas con Teca, poeta de la vida cotidiana, en caminatas por las calles de Caxias do Sul/RS. La producción es guiada por las perspectivas: Ciencia Holística, Compleja y Ecossistêmica, en el que también están presentes

¹Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4686-1469> & ID Lattes: 3507331084688068.

² Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6753-5999> & ID Lattes: 2996705711002245.

³ Fast track Anptur 2024

en la propuesta epistemológica Artesania, aquí asociada a la producción de narrativas, y en la comprensión del Turismo-Trama-Ecosistémica. Los aspectos metodológicos se componen de la Cartografía del Conocimiento, estrategia metodológica guiada por cinco caminos: Dimensión Subjetiva, Trama Teórico-Conceptual-Bibliográfica, Dimensión Intuitiva de la Investigación y Trama del Hacer. La experiencia poética de la Teca está guiada por la producción de mensajes genuinas utilizando recursos reciclables, las mensajes se difunden por las calles de la ciudad durante las caminatas. A partir de la experiencia, fue posible reflexionar sobre los signos del Turismo-Trama-Ecosistémica, destacando que muestran la necesidad de considerar el trama-ecosistémica en los procesos turísticos, reconociendo su potencial para el desarrollo de una práctica guiada por la lógica de valorar el todo.

Palabras clave: Turismo-Trama-Ecosistémica; artesanía; narrativas; epistemologías del Sur; experiencia poética.

Como citar: Eme, J.B.; Baptista, M.L.C.. (2025). Narrativas Artesãs em andanças compartilhadas pelo Sul: sinalizadores de Turismo-Trama-Ecosistémica. *Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território*, Brasília, 13(1), e-56709, 2025. <https://doi.org/10.26512/rev.cenario.v13i1.56709>

CARTOGRAFIAS POÉTICAS E ARTESÃS DO COTIDIANO E DA PESQUISA

“Não vim para bagunçar, mas para acalantar. Teca” é o que diz o adesivo colado em um poste na esquina entre as ruas Os 18 do Forte e Humberto de Campos, no bairro de Lourdes do município de Caxias do Sul. Esta é apenas uma das muitas mensagens deixadas por Teca pelas ruas da cidade. A experiência das mensagens de Teca é um convite à reflexão e traz intrinsecamente aspectos epistemológicos a serem refletidos sobre o cotidiano das cidades, sobre as potencialidades turísticas a partir da ‘com-versação’[1] de lugares e sujeitos. Esses aspectos seguem as orientações holística, complexa e ecossistêmica (que serão desdobrados mais adiante) de compreensão da realidade, propondo o reconhecimento das dimensões material, imaterial e subjetiva que trama o cotidiano. Portanto, em alinhamento com essa compreensão, apresenta-se como abertura do texto uma aproximação com a experiência poética de Teca, seguida da aproximação com aspectos que apresentam a cidade. Na proposta de ‘com-verse’ lugares e sujeitos.

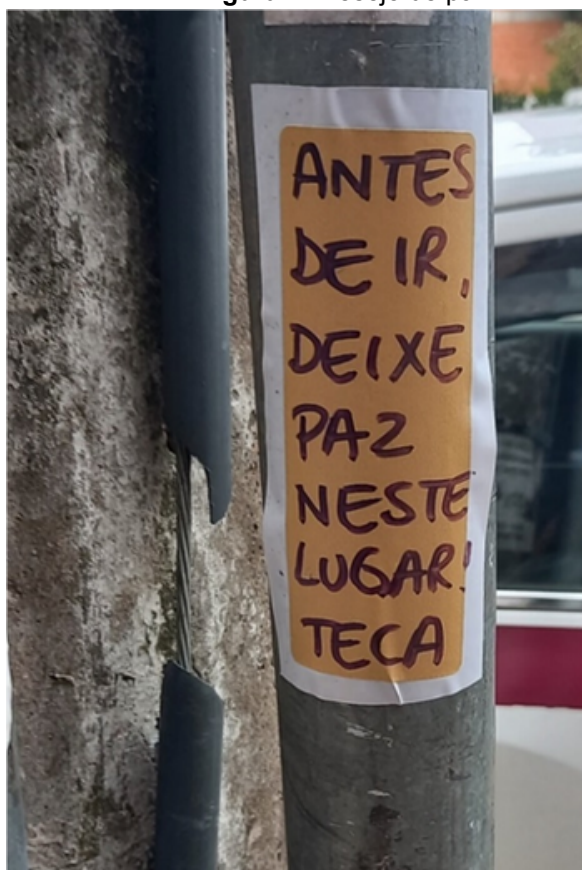
Caxias do Sul está localizada no nordeste do estado do Rio Grande do Sul, na Região Sul do Brasil. É a maior cidade da Serra Gaúcha com 463.338 habitantes, de acordo com o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022. Em termos históricos e culturais, o lugar é marcado pela presença da imigração italiana, chegada durante o século XIX (IBGE, 2023). Caxias do Sul já foi Capital Nacional da Cultura, em 2008, e, atualmente, é, ainda, reconhecida por receber migrantes e imigrantes que buscam oportunidades de emprego e condições melhores de vida (Portella, 2023).

É nesse cenário que Alexandra Faccio, gaúcha de 52 anos, espalha versos poéticos autorais, assinando-os com o apelido ‘Teca’, pelas árvores, postes e placas da cidade, desde 2013. De acordo com ela, a proposta é mais antiga, começou ainda nos anos 1990, quando morava na cidade de Capão da Canoa, no litoral gaúcho, com a entrega de cartões produzidos por ela diretamente para as pessoas. Em um desses episódios, alguns cartões sobraram e, para não retornar para casa com eles, Teca teve a ideia de deixá-los pendurados no ônibus para que fossem pegos por quem quisesse. Quando retornou para Caxias do Sul, ela começou a espalhar pelas ruas sua experiência poética com as mensagens. Assim, foi, aos poucos sendo reconhecida como uma ‘personagem’ da cidade, pelas suas ações poéticas, pela sua presença que ‘com-versa’ com as pessoas e os lugares de Caxias do Sul.

Ressalta-se que Teca será apresentada mais detalhadamente em sessão específica deste artigo, mais adiante, porém, neste momento, entende-se a necessidade de uma breve aproximação da personagem e de sua experiência poética, para ajudar o leitor ‘na caminhada’ da narrativa investigativa. Dessa forma, destaca-se que as mensagens são produzidas por Teca, de forma autoral, a partir de vivências cotidianas, com material reaproveitado, vindos principalmente de doações, e que são espalhadas pela cidade durante deslocamentos, entre um afazer e outro, em que ela prefere caminhar, juntamente para espalhar suas mensagens poéticas nas ruas. A figura 1 apresenta um exemplo da experiência poética de Teca.

[3] Trata-se de ideia desenvolvida por Baptista no projeto de pesquisa ‘Com-verse’ Amorcomtur Lugares e Sujeitos! Narrativas Transversais Sensíveis, envolvendo Sujeitos em Processos de Desterritorialização – Brasil, Espanha, Portugal, Itália, México, Colômbia, Egito, Omã e Índia. Baptista (2022) desenvolve a ideia orientada por pressupostos da Ontologia del Conversar, de Humberto Maturana (1988), compreendendo-a como um processo de versar junto, compartilhando fluxos informacionais que acionam alterações constantes e mútuas, tanto nos organismos, quanto nos ecossistemas envolvidos.

Figura 1: Desejo de paz.



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

A partir das características destacadas, Teca é personagem emblemático para o objetivo deste texto, que pode ser definido como: refletir sobre sinalizadores de Turismo-Trama-Ecossistêmica, a partir de narrativas artesãs compartilhadas com Teca pelas ruas de Caxias do Sul. Trata-se de produção desenvolvida em grupo de pesquisa com orientação de visão Holística, Complexa e Ecossistêmica de Ciência. Essas orientações transversalizam a produção de forma empírica, teórica e metodológica, em um processo que compreende o reconhecimento de saberes e fazeres múltiplos. Essa compreensão está presente também no pressuposto epistemológico Artesania, aqui associado à produção de narrativas, e no conceito de Turismo, compreendido aqui, como Turismo-Trama-Ecossistêmica (Baptista, 2021).

A perspectiva de produção de conhecimento, compreendida a partir do princípio de complexidade, associado ao reconhecimento do seu caráter mutante, fluido, de alteração contínua alinha-se aos propósitos de autores como Capra (1997), Morin (2005) e Crema (1989), compreendendo a Ciência como um todo, holístico, em que os focos de investigação fazem parte de um sistema maior, que está integrado a um sistema maior que ele e assim por diante. Portanto, o recorte de pesquisa deve ser compreendido em sua complexidade, o que desafia a narrativa, demandando o exercício de uma escrita artesanal, em que se vai tecendo o relato, como os pontos de uma trama, tão singulares em sua miudeza, importantes e imperceptíveis ao mesmo tempo. Nesse sentido, destaca-se que a escolha por iniciar o presente texto com o relato de aproximação com o foco empírico é alinhada com as orientações epistemológico-teóricas que transversalizam a pesquisa.

Outro aspecto importante da investigação é a relação que se estabelece com o Sul, aqui compreendido, também, como orientação epistemológica, com base, principalmente nas Epistemologias do Sul, conceito apresentado por Santos (2019). Para além da localização geográfica, pensar a partir do Sul significa contemplar saberes e fazeres invisibilizados, não reconhecidos pela lógica capitalista hegemônica, que transversaliza desde processos cotidianos até a produção do conhecimento.

Nesse sentido, compartilhar andanças pelo Sul, a partir da experiência poética de Teca, significa valorizar os saberes e fazeres cotidianos do próprio lugar, nesse caso, Caxias do Sul/RS, reconhecendo as singularidades como potencialidades para uma produção autopoietica, de reinvenção de lugares e sujeitos. Trata-se, de acordo com Santos (2019), de um processo experiencial, que se relaciona com a produção de conhecimento a partir de si mesmo, de sua existência, sendo reconhecido como legítimo. Essa visão é alternativa ao conceito hegemônico, orientado pela lógica capitalística de produção científica, cuja investigação trata a experiência como objeto de estudo, a ser analisado e compreendido a partir de pensamentos que orientam a validação – ou não – de tais saberes e fazeres, na busca de promover um padrão, encaixando-os em um modelo já formatado.

A experiência poética de Teca nos convida a releituras de Caxias do Sul, cuja imagem historicamente consolidada pode ser percebida pelo slogan: “Caxias do Sul, da Fé e do Trabalho”, utilizado pelo governo municipal com mandato de 2013 a 2016. Assim, podemos pensar que Teca é o Sul de Caxias do Sul, no sentido trazido por Santos (2019), sinalizando que existem universos existenciais que geralmente não são vistos, mas que também compõem a cidade. Teca ensina que Caxias do Sul não é apenas um centro urbano capitalístico, voltado para a produção mecânica das fábricas, apegada às tradições, com marcas de dureza e frieza. Caxias do Sul também é dos seres que distribuem poesia e amorosidade!

As andanças são parte importante do processo de produção, tanto da experiência poética de Teca, quanto da presente pesquisa. Caminhar é também uma orientação que transversaliza a investigação, o pressuposto epistemológico Artesania e a compreensão de Turismo como Trama-Ecossistêmica, partindo da compreensão de que, ao caminhar, é possível estabelecer uma relação entre lugares e sujeitos, pautada pela lógica da Amorosidade como ‘ética da relação’, em que se reconhece o outro como legítimo, na convivência (Maturana, 1998), sendo ‘o outro’ todo o ecossistema, seus elementos e dimensões.

Caminhar também é uma orientação importante, nesta pesquisa, em relação aos aspectos metodológicos. Dessa forma, buscando guiar o percurso que se faz, ao ler o relato investigativo, apresentamos a sequência do caminho compreendido no texto. Além da seção introdutória, já apresentada, o artigo é composto pela seção que trata dos aspectos metodológicos da pesquisa, explicados a seguir; seguido da seção que apresenta, em termos teóricos-conceituais, o pressuposto epistemológico Artesania, em associação à produção de narrativas; posteriormente, encontra-se a seção que traz o relato de encontro entre uma das pesquisadoras com Teca, em Caxias do Sul/RS, e por fim; os sinalizadores de Turismo-Trama-Ecossistêmica, que emergem das narrativas artesãs compartilhadas em andanças pelo Sul.

CAMINHOS E DESCAMINHOS EPISTÊMICOS E METODOLÓGICOS

Na presente pesquisa, abordar os caminhos e descaminhos investigativos significa apresentar as estratégias metodológicas, seus percursos, desafios, nas múltiplas aproximações e ações investigativas. As orientações metodológicas desta pesquisa foram definidas em coerência com a compreensão Holística, Complexa e Ecossistêmica de Ciência. Esse caminho de entendimento do mundo, e da produção de conhecimento, é apresentado por Crema (1989, p. 15, grifo do autor) como uma “[...] resposta à crise de consciência humana, dividida e exilada do Holos”. Proveniente da superação do paradigma cartesiano-newtoniano, este novo paradigma enxerga a Ciência na sua complexidade, considerando e reconhecendo-a em sua totalidade. Dessa forma, é preciso olhar o todo, considerando sua complexidade e processualidade, contribuindo para a proposição de soluções (eco)sistêmicas, compreendo que os desafios se relacionam entre si. O mesmo ocorre com os desafios inerentes à prática investigativa, que se faz em uma trama ecossistêmica processual, dissipativa e rizomática.

Nesse sentido, Capra (1997) propõe o pensamento sistêmico como uma forma de ‘organizar’ a complexidade das teorias e da realidade contemporânea. Para Capra (1997), a ciência cartesiana entendia que era possível compreender o todo, analisando apenas uma parte. Já a “[...] ciência sistêmica mostra que os sistemas vivos não podem ser compreendidos por meio de análise. As propriedades das partes não são propriedades intrínsecas, mas só podem ser entendidas dentro do contexto do todo maior” (Capra, 1997, p. 46). O autor, define, então a ciência sistêmica como um pensamento contextual.

Com isso, o desafio na produção de conhecimento, no cenário contemporâneo, complexo, ecossistêmico, é estabelecer uma relação que motive a reflexão e a compreensão da realidade como incompletude, sem a proposição de entregar respostas. Conforme Morin (2005, p. 177), “[...] ao inspirar a multidimensionalidade, o pensamento complexo comporta em seu interior um princípio de incompletude e de incerteza. De qualquer modo, a complexidade surge como dificuldade, como incerteza e não como uma clareza e como resposta”.

A partir dessas orientações, a metodologia é aqui compreendida como o estudo dos caminhos e descaminhos da pesquisa, na trama dos saberes e fazeres. Tradicionalmente, a metodologia na pesquisa tem sido ligada à apresentação e explicação de um planejamento, com o registro de procedimentos, definidos previamente à realização da pesquisa. No caso deste trabalho, em coerência com os pressupostos epistemológicos e teóricos, há a compreensão de uma metodologia aberta, sem amarras, não rígida, que vai se construindo no ‘caminhar’ da própria pesquisa, em interação com dinâmicas e processos que são acionados, quando nos colocamos em processos de investigação.

Assim, os aspectos metodológicos da investigação são compostos pela estratégia metodológica Cartografia dos Saberes que, no contexto de descrição do caminho metodológico da pesquisa, corresponde a uma proposta de sensibilização do pesquisador para a interação com o universo da pesquisa, orienta a produção da pesquisa em relação às ações investigativas. Nesse sentido, a estratégia metodológica orienta as aproximações e ações investigativas, a coleta e primeira organização de informações.

A proposta é apresentada por Baptista, primeiramente em artigo publicado em 2014, em associação aos estudos turísticos, e, posteriormente, atualizada em texto publicado em 2023, juntamente com o desdobramento da estratégia metodológica Matrizes Rizomáticas. Destaca-se que a Cartografia dos Saberes é uma construção decorrente de mais de trinta anos do trabalho desenvolvido por Baptista, como docente de metodologia e como pesquisadora, e que é possível perceber que há ‘embriões’ sinalizadores da proposta, em textos anteriores ao publicado em 2014.

Um dos principais aspectos teóricos que inspiram a Cartografia dos Saberes é a proposta de Rolnik, em um capítulo do livro intitulado Cartografia Sentimental, em que apresenta o Manual do Cartógrafo, como proposta de transposição do conceito de cartografia para estudos psicossociais. Neste texto, a autora apresenta os pressupostos de uma prática investigativa orientada pela cartografia, em uma lógica fluida, processual, interacional, sensível. Para a transposição da ideia de cartografia para os estudos psicossociais, ela afirma que a Cartografia é o desenho que se faz da paisagem, acompanhando suas alterações, visto que as paisagens não são estáticas, “[...] mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos” (Rolnik, 2006, p. 15).

O conceito tem como ponto de partida a geografia e integra os estudos de Rolnik sobre a metodologia da pesquisa, o ‘modo de fazer’ conhecimento científico. Assim, já que método é caminho, entende-se, nesta pesquisa, o caminho que se forma a partir do caminhar do pesquisador, que está sempre em mutação. Os cenários ‘movem-se’ com a interação de quem os observa e também mexem com o sujeito, fazendo com que o pesquisador-cartógrafo se atente para pontos que não eram percebidos antes. O pesquisador constrói a pesquisa, e a pesquisa constrói o pesquisador, em uma lógica recursiva.

Partindo desse ponto, a Cartografia dos Saberes, envolve pressupostos que auxiliam o pesquisador a relacionar a complexidade da realidade cotidiana com a pesquisa que desenvolve. Ela permite enxergar as trilhas por onde a pesquisa pode seguir, lembrando que esse processo está em constante mutação, reinventando-se a todo momento, onde “Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas” (Rolnik, 2006, p. 65, grifos da autora).

A estratégia metodológica Cartografia dos Saberes (Baptista, 2014; Baptista; Eme, 2023) é composta por cinco trilhas – desenvolvidas de forma simultânea e contínua, sem hierarquia entre si – que combinadas formam uma trama, que ajuda o pesquisador a encontrar o que busca descobrir e a compreender que, conforme Baptista, em declarações pessoais, nos encontros do grupo de pesquisa: “na pesquisa, perder-se também é caminho”. Ao mesmo tempo que as trilhas se entrelaçam para formar a pesquisa, desenca-

deiam um processo autopoietico, lembrando Maturana e Varela (1997), que se retroalimenta, alimenta a pesquisa e alimenta os saberes do pesquisador.

De acordo com Baptista (2023), apresenta como trilha inicial da Cartografia dos Saberes, a Trilha Trama dos 'Entrelaços Nós da Pesquisa' "[...] que corresponde aos nós investigativos, às trilhas investigativas que sintetizam o universo investigado. [...] São 'pontos que se concentram', no nosso caso, palavras ou expressões que sintetizam trilhas investigativas, devires, sinalizadores de passagem para o que queremos dizer" (Baptista; Eme, 2023, p. 11). Nesse momento, o pesquisador faz um primeiro delineamento da investigação, predefinindo as palavras-chave. O processo é importante para a definição do 'foco de estudo', expressão adotada por Baptista, no lugar de 'objeto de estudo', em uma compreensão que se transversaliza com as orientações epistemológicas de visão de Ciência, já mencionadas.

A Trilha Dimensão Subjetiva reconhece os saberes pessoais do pesquisador, tendo em vista que uma das motivações para escolher um foco de estudo é saber algo a priori sobre a temática. Esse é o momento em que "[...] o investigador deve procurar refletir sobre o que sabe sobre o assunto" (Baptista, 2014, p. 350). A reflexão para trazer à consciência os saberes sobre o assunto escolhido mostra ao pesquisador um possível ponto de partida, aspectos interessantes para a construção do estudo. Esses sinalizadores subjetivos de pesquisa surgem do seu lugar, do seu interior, de si mesmo. Reconhecer seus saberes pessoais, sobre o foco de estudo, ajuda o pesquisador no processo de autorização para escrever, cientificamente, sobre o assunto investigado.

A Trilha Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica refere-se à conversa do pesquisador com saberes outros, de autores, teorias, conceitos, ideias, buscando contemplar múltiplos sujeitos, compreendendo a complexidade ecossistêmica da qual a investigação faz parte. A proposta, de acordo com a autora, é "[...] reconhecer que o que sabemos resulta de entrelaçamentos com outros seres que sabem, pensam, sentem, escrevem e, alguns deles, elaboram teorias [...] há produções bibliográficas que nos dão informações que, reunidas, ajudam a provocar as reflexões e encontrar sinalizadores de pesquisa" (Baptista; Eme, 2023, p. 13).

A Trilha Dimensão Intuitiva da Pesquisa dimensiona que o conhecimento não é produzido somente em nível consciente, "[...] nas instâncias do pensamento racional. Quando alguém investiga, esse sujeito investe-se em direção ao objeto paixão-pesquisa, e isso significa que o sujeito todo pesquisa e vibra com a investig[ação]" (Baptista, 2014, p. 352). Assim, é possível que a solução para o problema de pesquisa surja de um momento de 'não pesquisa', onde o pesquisador conecta-se com níveis abstratos, inconscientes, despertando aspectos teóricos e de análise do objeto antes não notados pelo pesquisador.

A Trilha Trama dos Fazeres corresponde ao momento em que o pesquisador realiza aproximações e ações investigativas. Baptista (2014) indica que tanto as aproximações quanto as ações investigativas devem ser escolhidas conforme a singularidade da pesquisa, conforme a trama ecossistêmica do foco de estudo. No caso do presente trabalho, destaca-se como aproximações investigativas, conversas preliminares com Teca e registro fotográfico de suas mensagens poéticas, além de conversas preliminares com outros moradores de Caxias do Sul/RS que interagem com os versos. Já como ações investigativas, ressalta-se a cartografia bibliográfica sobre as temáticas abordadas e o encontro de uma das pesquisadoras com Teca, onde foi possível vivenciar sua experiência poética, na prática, na caminhada, com o desenvolvimento de 'com-versação' sobre a produção das mensagens e, posteriormente, registro em diário de pesquisa.

Seguindo a diante, na narrativa da pesquisa, a caminhada parte agora para a seção que apresenta, teórica e conceitualmente, o pressuposto epistemológico Artesania, em associação à produção de narrativas.

DIMENSÃO EPISTEMOLÓGICA ARTESANIA NAS NARRATIVAS COTIDIANAS

Artesania, como pressuposto epistemológico, é um entrelaço de diversos conceitos, teorias e ideias que convergem para o reconhecimento de uma lógica de produção pautada pela valorização do processo e de aspectos não relacionados à orientação de produção capitalística, como valorização da acumulação de capital e a lógica de consumo pelo consu-

mo. Artesania é, em si, uma orientação de saberes e fazeres, e também uma crítica ao capitalismo e sua orientação de produção, pelas características que estão no cerne de seu surgimento/criação, como uso da violência, exploração ecossistêmica por meio da imposição de poder (Federici, 2017), além da relação com a impessoalidade, massificação e padronização, em um modelo que valoriza, sobretudo, o produto – e seu atrelamento ao lucro econômico, ao capital.

Nesse sentido, o pressuposto epistemológico proposto aqui valoriza um conjunto de aspectos relacionados ao saber-fazer artesanal, como o cuidado, relação ecossistêmica, reconhecimento do tempo empregado na produção, valorização das singularidades, assim como as interações pautadas pela amorosidade, como ética da relação e do cuidado. Essas marcas fazem com que o ‘produto’ resultante tenha, em si, a complexidade do cotidiano em que foi desenvolvido, bem como um pouco de quem participou do processo. Mais do que materialidades, a produção concentra energias em interação, fluxos de intensidade que direcionam para a coexistência, a cooperação, a geração de bem-estar em sintonia com recursos, seres visíveis e invisíveis, em interações na lógica multiespécie.

Em termos teóricos-conceituais, a noção de Artesania é transversalizada por autores como Maturana (1998), com a concepção de Amorosidade, como ‘ética da relação’; Acosta (2016), ao tratar sobre o Bem Viver; Santos (2002), com a ideia de ‘produzir para viver’, entre outros autores e conceitos. Destaca-se que a proposta é desenvolvida em outros textos, como a proposição de Narrativas Artesãs (Eme, 2016) e em trabalhos publicados em periódicos e livros nacionais e internacionais (Eme, 2021; Eme, 2022).

Em relação à prática de produção – de narrativas, de conhecimento, de turismo, de vida – Artesania propõe a valorização dos recursos existentes, das singularidades, da relação ecossistêmica, dos saberes subjetivos e da inscrição de si mesmo na produção, em um exercício contínuo de Amorosidade, no reconhecimento do outro como legítimo outro na convivência (Maturana, 1998). Essa proposta transversaliza, por exemplo, a produção deste trabalho, em que se busca reconhecer os múltiplos sujeitos envolvidos no processo de pesquisa, na relação com o ecossistema.

Dessa forma, para o pressuposto epistemológico, a importância está pautada no processo de produção, ao invés da valorização somente do resultado e seu atrelamento econômico, relacionando-se com as contribuições de Santos (2002) sobre produzir para viver. Pensar a produção, partindo de uma lógica artesã de lidar com a realidade cotidiana é resgatar uma espécie de tato, de sensibilidade com os acontecimentos sociais, com a leitura desses acontecimentos, com os personagens que ela envolve. Além disso, romper com o pressuposto capitalista de excesso de produção e consumo abre caminho para pensar outras formas de viver e se relacionar com o ecossistema, considerando a realidade como campo em expansão, não se resumindo somente ao que já existe. Conforme Santos (2002, p. 25), “A realidade é um campo de possibilidades em que têm cabimento alternativas que foram marginalizadas ou que nem se quer foram tentadas”. Essa abordagem permite resgatar o cuidado do e no fazer, o reconhecimento dos saberes contidos na simplicidade cotidiana, considerando as práticas diárias de determinado contexto, por exemplo.

Nesse sentido, é importante ressaltar também que Artesania propõe a valorização dos recursos existentes, para o processo de produção. Considerando a importância da discussão em torno de ações de preservação e conservação ecossistêmicas, ressalta-se a ideia de Bem Viver, que é descrita por Acosta (2016) como uma proposta que busca estabelecer uma relação harmoniosa com a natureza e de complementaridade e solidariedade entre indivíduos e comunidades. “O Bem Viver será, então, uma tarefa de (re)construção que passa por desarmar uma meta universal do progresso em sua versão produtivista e do desenvolvimento enquanto direção única, sobretudo em sua visão mecanicista do crescimento econômico e seus múltiplos sinônimos” (Acosta, 2016, p. 77).

Em associação à produção de narrativas, a orientação artesã, sinaliza a potencialidade contida no entrelaçamento desses saberes e fazeres, além da necessidade de (re)pensar as práticas de produção de narrativas sobre o cotidiano e suas singularidades – transversalizado pela complexidade. Dessa forma, a proposição parte do pressuposto de “[...] que o texto tem seu tempo de derrame, assim como um artesanato tem seu tempo de produção, é necessário respeitar esse tempo” (Eme, 2016, p. 80). Dessa forma, Artesania surge como proposta para a produção, também, das narrativas turísticas, considerando a sensibilidade como uma dimensão para ‘com-versar’ lugares e sujeitos, reconhecendo o ecossistema em suas singularidades.

Nesse sentido, Artesania propõe que a produção de narrativas não seja orientada pela lógica capitalística, em que se percebe, como marcas, a valorização das estatísticas, das métricas que objetificam sujeitos e cotidianos em detrimento do reconhecimento de suas singularidades e complexidades, que podem contribuir para o desenvolvimento de ações integrativas, apresentando soluções para problemáticas coletivas (Eme, 2022). Trata-se, mais que tudo, de uma produção marcada pela atitude (no sentido de ato no todo) artesã.

Destaca-se que estes aspectos se relacionam com a experiência poética desenvolvida por Teca e com interação investigativa compartilhada entre uma das pesquisadoras e a personagem, descrita na próxima seção, e à compreensão de Turismo como Trama-Ecossistêmica, que será desdobrado mais adiante.

RELATO DE VIVÊNCIA DE MOVIMENTO E PARTILHA COM A POETA DO COTIDIANO

A partir das orientações epistemológicas-metodológicas da pesquisa já apresentadas e, também, do pressuposto epistemológico Artesania, que transversaliza a produção da narrativa científica, o texto do relato é apresentado em primeira pessoa do singular, costurado com as falas da poeta do cotidiano, que também conta a história.

Ao iniciar o processo de organização das anotações do diário de pesquisa, depois do encontro com Teca, percebi que, na verdade, já havia me encontrado com a personagem muito antes daquele momento: cada vez que passava por uma de suas mensagens, pelas ruas de Caxias do Sul, penduradas em árvores com barbantes ou fios de lã, escritas a mão em papéis coloridos, reaproveitados de embalagens de incenso, sabonetes, sacolas... e sempre acompanhadas de retalhos de tecido que enfeitam as produções, ou então em formato de adesivos colados em placas e postes.

Depois de conversas com a orientadora e com o grupo de pesquisa, a partir dos meus relatos sobre como as pessoas se comportavam ao encontrar com as produções poéticas de Teca, resolvi contatá-la e perguntar podíamos partilhar uma caminhada, enquanto ela espalhava suas mensagens, e conversamos sobre sua experiência de produção. Ela aceitou, com alegria, meu convite e, então, marcamos o encontro do relato que segue.

Caxias do Sul. 30 de junho de 2023. Sexta-feira à tarde. Saio de casa, desço até o terminal rodoviário urbano e entro no ônibus que passa pelo centro da cidade, escolho uma poltrona na janela para prestar atenção na paisagem externa, já na busca por mensagens de Teca. “Amei os anos 80! Vai na boa. Teca”, “Paz. Teca.” é o que dizem dois adesivos colados em uma placa que sinaliza a parada de ônibus. Desço na parada seguinte, já no centro, e caminho duas quadras. No trajeto, encontro outro adesivo, com a mensagem: “Antes de ir, deixe paz nesse lugar! Teca.”. Chego à Casa da Cultura e encontro Teca que me recebe com um sorriso, olhos brilhantes e um abraço. Ela usa uma mochila e uma bolsa transversal que vai do ombro à altura da cintura, é nelas que as mensagens estão. Teca me diz que gostou muito da ideia de que eu a acompanhasse durante uma de suas caminhadas para espalhar as mensagens pelas ruas. Assim, poderia ver como a experiência poética acontecia.

Explico minha ideia de pesquisa, ligo o gravador – depois que Teca concorda com a gravação – e começamos a andança pelas ruas do centro de Caxias do Sul. Peço para que ela me conte como surgiu a proposta e o que significa. Ela começa a responder minha pergunta, até que interrompe a fala e caminha até um poste, do outro lado da calçada, dizendo: “Eu não posso ver um poste que ó, já me coça as mãos.”. Ela abre a bolsa, tira um adesivo, cola-o no poste e continua andando, sem olhar para trás. Apresso o passo, para alcançá-la e leio o adesivo recém colocado: “Teu melhor momento está chegando. Teca.”.

Volto a caminhar ao lado da poeta do cotidiano, que me diz: “Você vai sentir uma energia, a minha essência está na letra. Quem me lê com o coração e com a alma vai captar que eu quero, simplesmente, colocar aquela era paz e amor pra frente.”. Essa não será a única vez em que Teca irá interromper sua fala para colocar uma mensagem em um poste ou em uma árvore. Nossa conversa é transversalizada pelo ato de espalhar versos autorais pelas ruas onde passamos.

Ela conta que, quando percebe receptividade em alguém, entrega um cartão em mãos, sem escolher, assim como faz com mensagens que pendura ou cola, o que faz com que seja vista como um 'oráculo cotidiano' por quem interage com os versos. Ela afirma que recebe, com frequência, relatos de que suas mensagens mudam o dia de quem leu, ajudando a perceber outras possibilidades – materiais e subjetivas – no caminho.

Figura 2: Teca das mensagens.



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Paramos para atravessar a rua e enquanto o semáforo para pedestres está fechado, Teca caminha até uma árvore próxima e pendura um cartão grande feito de uma caixa de incenso, enfeitado com pedaços de renda colorida, que diz: “Pensei e conclui: abraços são essenciais. Teca.”. Assim como fez todas as outras vezes, ela deixa a mensagem e continua caminhando, sem esperar alguém interagir com o cartão. Eu percebo, porém, que duas moças se aproximam para ler o que está escrito, e esta cena também foi marca de nossa caminhada. Havia sempre alguém interagindo com as mensagens, as recém colocadas ou antigas. “Eu sempre peço, não sei se é para o universo, ou para o anjo, que as mensagens caiam em mãos certas, já que é esse o motivo de eu fazer a paz. Sempre vai ter uma pessoa triste para a frase certa. Eu sempre falo que eu boto minha arte na rua.”, me diz Teca com um brilho nos olhos que reflete a sua satisfação com a proposta.

Depois de quase uma hora de caminhada, paramos em uma esquina para nos despedir. Nosso encontro estava chegando ao final, nós duas tínhamos outros compromissos para cumprir. Com o semáforo para pedestres fechado, Teca aproveita para colar mais um adesivo no poste. Eu agradeço a disponibilidade da poeta do cotidiano, peço uma foto e ela rapidamente puxa uma mensagem da bolsa, abraça o poste, faz o sinal ‘paz e amor’ com os dedos e sorri para a câmera. Depois da foto, Teca retira uma mensagem da bolsa e me entrega, como um presente. O cartão colorido, feito de uma caixa de incenso, com o perfume ainda presente carrega a mensagem: “Escrever pra mim é um monólogo, tendo as estrelas como plateia!”. Agradeço a mensagem oracular e a vivência da caminhada, emocionada com o verso, em meu lugar de pesquisadora e jornalista.

Figura 3: Palavras da poeta do cotidiano.



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Mesmo já no momento da despedida, decido não desligar meu gravador, ainda, e consigo registrar outro momento marcante do encontro: uma senhora carregando sacolas de mercado se aproxima e pergunta: “Você é a Teca?”, “Sim, eu sou a Teca das mensagens, risos!”, responde Teca apontando para si mesma e sorrindo. A senhora então se dirige à poeta e diz: “Eu quero fazer uma foto contigo e te dizer que eu adoro as tuas mensagens. Sempre que consigo levo para casa, porque meu marido, que é acamado, adora e, para mim, elas ajudam a aliviar as tarefas que preciso fazer na rua.”. Teca olha para mim com o olhar emocionado e afirma “É assim que eu acabo nossa entrevista. É por isso que eu espalho meus cartõezinhos!”.

TURISMO-TRAMA-ECOSSISTÊMICA EM ANDANÇAS PARTILHADAS PELO SUL

Conforme já mencionado no início do artigo, a orientação epistemológica de Ciência, na presente pesquisa, também é base para a compreensão de Turismo como Trama-Ecossistêmica, em que se destaca a ideia de que Turismo é desenvolvido a partir de um pensamento potencializador de sujeitos, compreendendo o entrelaçamento entre esses sujeitos e a trama ecossistêmica dos saberes e fazeres turísticos.

Para Baptista (2020), Turismo-Trama-Ecossistêmica é decorrente de proposições transdisciplinares, orientadas por pressupostos da ciência contemporânea, ecossistêmica e complexa, estando em constante movimento e reinvenção. “Com o turismo, tudo se movimenta e se transforma, ao mesmo tempo que o movimento de desterritorialização, em si, autopoietiza (reinventa) sujeitos e lugares, das dimensões ecossistêmicas envolvidas” (Baptista, 2020, p. 49).

A compreensão de Turismo-Trama-Ecossistêmica parte da visão de ecologia profunda, em que a noção de ecossistema inclui os fatores bióticos e também os abióticos, que se inter-relacionam dinamicamente (Baptista, 2020). Dessa forma, é importante que os saberes e fazeres turísticos, considerem os relacionamentos entre os elementos que constituem o ecossistema e seu dinamismo, relacionando-se de forma fluente e harmônica com esse movimento. Em relação à vivência de caminhada com Teca, e às narrativas artesanais, foi possível perceber que a experiência poética proposta por ela contribui com o desenvolvimento dessa concepção ampliada de Turismo, em seus saberes e fazeres, mostrando-se uma possibilidade de reinventar lugares e sujeitos, a partir dos versos espalhados pela cidade.

A experiência poética tem sua importância pautada no processo de produção, ao invés da valorização somente do resultado e seu atrelamento econômico, destacando que Teca não cobra pelas mensagens que distribui. Esse aspecto relaciona-se com a ideia de desenvolver uma prática turística para além de sua dimensão econômica que, em alinhamento com a lógica capitalística torna-se instrumento de acumulação de capital, com ações que, por vezes, desvalorizam as singularidades do ecossistema (Eme, 2021), produzindo, o que Baptista (2020) chama de, ‘fachada do turismo’ – conjunto padronizado de elementos e aspectos oferecido aos turistas –, além de processos de exclusão de sujeitos nos lugares marcados pela prática. Nesse sentido, Turismo-Trama-Ecossistêmica trata-se de uma contraproposta à produção marcada por características do Capitalismo Mundial Integrado, de acordo com Gilles Deleuze e Félix Guattari (1986) ou do “capitalismo por espoliação”, conforme Harvey (2004).

É possível perceber que, da dinâmica autopoietica enunciada pelas narrativas e o encontro com Teca, apresenta-se um entrelaçamento entre lugares e sujeitos, em sentido ampliado. Com isso, percebe-se, também, que a proposição do Turismo retoma a matriz de sua significação a partir do movimento de desterritorialização. Esse sentido fica claro quando, do Turismo-Trama-Ecossistêmica, brotam sinalizadores de uma construção artesã de turismo, imbricando o conceito Artesania ao que Baptista (2020), propõe como ‘Averso do Turismo’. Dessa maneira, o avesso constitui, artesanalmente, uma ampliação de percepção sobre o Turismo, para além da fachada do desenvolvimento econômico, principalmente, reconhecendo as dimensões múltiplas do ecossistema turístico, seus saberes e fazeres, suas singularidades, a partir da ideia de Sul, expressada por Santos (2019).

Nesse sentido, o encontro com as mensagens de Teca, pelas ruas de Caxias do Sul, é uma possibilidade de ‘com-versar’ lugares e sujeitos, reconhecendo a potencialidade autopoietica dos movimentos de desterritorialização. Isso sinaliza para a importância de (re)pensar o Turismo, seus saberes e fazeres, em processos cotidianos múltiplos, visto que “A apropriação do turismo por parte daqueles que o objetificam negligencia amplamente os cruzamentos subjetivos e o âmbito das práticas como elas se manifestam nas experiências de vida. Esse enfoque tende a enquadrar o turismo em uma narrativa hegemônica superficial” (Silva, 2023, p. 21). Dessa forma, busca-se enxergar o Turismo de um outro lugar, considerando outros saberes e fazeres, reconhecendo-o como trama-ecossistêmica, a partir da orientação epistemológica holística, integral, complexa.

Por fim, é possível perceber o entrelaçamento entre o pressuposto epistemológico Artesania e a compreensão de Turismo-Trama-Ecossistêmica, pois, a partir das narrativas artesãs, compartilhadas em caminhada com Teca, mostram que a aproximação com a compreensão de Turismo-Trama-Ecossistêmica pode contribuir para o reconhecimento das singularidades de Caxias do Sul como potencialidades, também para o turismo, valorizando o que Yáziqi (2001) chama de ‘alma do lugar’, aproximando os sujeitos da essência da cidade. Nesse sentido, a reflexão contribui para pensar uma atividade turística que se desenvolva, considerando a conservação desse conjunto de dinâmicas cotidianas, visto que a potencialidade do que se entende como ‘fachada’ do Turismo, é justamente o seu ‘avesso’, reforçando a compreensão de Turismo-Trama-Ecossistêmica. Além disso, os sinalizadores refletem a importância de compreender o Turismo como um dispositivo autopoietico, de reinvenção de todo o ecossistema (Baptista, 2020). Trata-se, assim, de promover um desenvolvimento que potencialize essa reinvenção, em harmonia e fluidez com o ecossistema, considerando as alterações promovidas nos lugares e nos sujeitos, e também os aspectos relacionados às singularidades da vivência cotidiana desses ecossistemas.

REFLEXÕES POÉTICAS E ARTESÃS EM TRAMA-ECOSSISTÊMICA

O presente texto teve como objetivo refletir sobre sinalizadores de Turismo-Trama-Ecossistêmica, a partir de narrativas artesãs compartilhadas com Teca pelas ruas de Caxias do Sul. A primeira seção tratou de apresentar a proposta, as orientações epistemológicas de Ciência, compreendidas a partir da visão holística, complexa e ecossistêmica. Além disso, fez-se uma primeira aproximação com Teca, a poeta do cotidiano, e a proposta de sua experiência poética de espalhar mensagens autorais artísticas pelas ruas de Caxias do Sul.

O texto segue com a apresentação dos aspectos metodológicos da pesquisa, compostos, principalmente, pela Cartografia dos Saberes e, posteriormente, a seção que apresenta o pressuposto epistemológico Artesania, em sua dimensão teórica-conceitual e em associação com a produção de narrativas. A seção seguinte descreveu o relato de encontro entre uma das pesquisadoras e a poeta do cotidiano e a experiência de caminhada compartilhada com Teca, para a produção das narrativas artesanais. Por fim, a seção dos resultados, anterior a esta, propõe os sinalizadores de Turismo-Trama-Ecossistêmica, correspondendo ao objetivo. A presente seção apresenta reflexões, na linha de considerações finais, para a investigação. Destaca-se, porém, que, em alinhamento com a orientação epistemológica da pesquisa, compreende-se que o processo de produção do conhecimento é constante e contínuo e que, por isso, optou-se por apresentar reflexões a partir da vivência investigativa, ao invés de considerações finais.

Após as andanças partilhadas pelo Sul e a proposição dos sinalizadores, compreende-se que a partir da dimensão Trama-Ecossistêmica, o Turismo, precisa reconhecer e valorizar as singularidades, não como possibilidade de expansão territorial para a prática na lógica da espoliação capitalística, e sim como trama substancial, que compõe a essência, a 'alma' do lugar. Em linhas gerais, significa dizer que os sinalizadores mostram a necessidade de considerar o ecossistema nos processos de planejamento e ações relacionadas ao turismo. Dessa forma, não se trata de desconsiderar a lógica econômica ou de desvalorizá-la, em detrimento das demais, e sim de desenvolver uma prática que não seja orientada única e prioritariamente pela lógica econômica, pautada pela relação produção-consumo.

Por fim, as narrativas artesanais, produzidas a partir da experiência de caminhada com a poeta do cotidiano, mostram potencialidades para pensar a produção de conhecimento e a reinvenção de lugares e sujeitos, a partir da percepção dos laços afetivos, de amorosidade, que Teca estabelece com a cidade e com as pessoas, por meio de sua proposta. As andanças pelo Sul, em Caxias do Sul, tornam-se partilhas de entrelaçamentos com versos, em uma proposta de movimento potente e (auto)transpoiético, para os sujeitos e para o lugar, construindo uma reflexão 'artesã' sobre o cotidiano. "Que este pequeno feito, gere grandes efeitos! Teca."

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acosta, A (2016). O bem viver. Uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante.
- Baptista, M. L. C. (2014). Cartografia de saberes na pesquisa em Turismo: proposições metodológicas para uma Ciência em Mutação. *Rosa dos Ventos*, 6(3), 342-355.
- Baptista, M. L. C. (2020). "Amar la trama más que el desenlace!": Reflexões sobre as proposições Trama Ecossistêmica da Ciência, Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas, na pesquisa em Turismo. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 8(1), 41-64. <https://doi.org/10.21680/2357-8211.2020v8n1ID18989>
- Baptista, M. L. C. (2021). O Averso do Turismo como proposição de sinalizadores para o Futuro. Reflexões ecossistêmicas sobre entrelaçamentos e processualidades do avesso das desterritorializações turísticas em seus saberes e fazeres. *Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território*, 9(3), 258-271. <https://doi.org/10.26512/revistacenario.v9i3.34894>
- Baptista, M. L. C. (2022). (Auto)Transpoiense em Narrativas de Viagens. A transmutação subjetiva e ecossistêmica na reinvenção de universos existenciais em movimento. In Soster, D. A., & Passos, M. Y. (Orgs.), *Narrativas de Viagem 2: Percursos que transformam* (pp. 257-271). Santa Cruz do Sul: Editora Catarse.
- Baptista, M. L. C., & Eme, J. B. (2023). Estratégias de 'sobre-vivência' metodológica na viagem investigativa para a ciência no mundo novo: Dimensão trama, cartografia dos saberes e matrizes rizomáticas. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 18(00), 1-32. <https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.18206>
- Capra, F. (1997). *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix.

- Crema, R. (1989). *Introdução à Visão Holística*. São Paulo: Summus.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Eme, J. B. (2016). *Narrativas Artesãs: sinalizadores para o Jornalismo Amoroso. Aproximação com a Tribo Urbana de Artesãos de Rua em Caxias do Sul, RS*. 2016. 137 f. Monografia de graduação não-publicada, Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo, Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, Brasil.
- Eme, J. B., & Baptista, M. L. C. (2021). Jornalismo Literário Avançado e Narrativas Artesãs: sinalizadores para a pesquisa em Turismo. *Revista Observatório*, 7(1), 1-16. <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v7n1a15pt>
- Eme, J. B., & Baptista, M. L. C. (2022). The reverse side of tourism in the craftsmanship of “com-verse”. *Journal of Social Sciences: Transformations & Transitions (JOSSTT)*, 2(4), 166-179. <https://doi.org/10.52459/josstt24180422>
- Federici, S. (2017). *Calibã e a bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante.
- Harvey, D. (2004). *O novo imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2023). *Cidades. Caxias do Sul: Panorama [Versão Eletrônica]*. Acessado em 25 de julho de 2023 de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/caxias-do-sul/panorama>.
- Maturana, H. (1988). Ontología del conversar. *Revista Terapia Psicológica*, 7(10), 1-14.
- Maturana, H. (1998). *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG.
- Maturana, R. H., & Varela, F. J. (1997). *De máquinas e seres vivos: autopoiese e a organização do vivo*. (3ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Morin, E. (2005). *Ciência com consciência*. (8ª ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Portella, L. (28 jun., 2023). *Caxias do Sul é a cidade que mais cresceu em número de habitantes no RS [Versão Eletrônica]*. Pioneiro. Acessado em 25 de julho de 2023 de <https://encurtador.com.br/BH6fs>.
- Rolnik, S. (2006). *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Santos, B. de S. (2002). *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Santos, B. de S. (2019). *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. São Paulo Autêntica.
- Silva, R. de L. da, & Baptista, M. L. C. (2023). Narrativas e ‘Com-versações’ de Favela: Dispositivos sensíveis e complexos para Viagens Investigativas em Turismo. *Revista Hipótese*, 9(00), 1-29. <https://doi.org/10.58980/eiaerh.v9i00.427>
- Yázigi, E. (2001). *A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas*. São Paulo: Contexto.